



José Gabriel Ávila*

Nas Furnas há tanto para desfrutar

“a verdadeira Primavera, aqui, é o outono, em que cada árvore parece uma flor gigantesca e as Furnas tomam cores de outro mundo quimérico.” Raúl Brandão

Os Açores na sua totalidade e cada ilha em particular oferecem ao mais exigente visitante condições naturais e ambientais para um turismo de qualidade, desde que primam a excelência do serviço e dos equipamentos.

Nem sempre assim acontece. Nos últimos anos, porém, vem-se notando uma evolução positiva na qualidade da oferta, acrescida das inigualáveis belezas naturais que constituem a nossa maior valia.

Durante anos, a humanidade vai referenciar o ante e o pós-pandemia como períodos marcantes da evolução sócio-económica.

Embora haja quem, numa visão otimista, considere que o pior já passou e que nos próximos anos haverá uma recuperação económica favorável, o certo é que os prejuízos derivados da pandemia foram extremamente gravosos para as regiões mais desfavorecidas e dependentes do turismo, como a nossa. Felizmente, a situação está a recompor-se. E, embora com receio dos residentes, os visitantes continuam a chegar via aérea e, de há dias para cá, em navios-cruzeiro, movimentando a “pacata cidade” e a ilha no seu todo.

O fim de semana passado, passei algumas horas na Lagoa das Furnas, junto à Mata-Jardim do proprietário micaelense, camonista e bibliófilo José do Canto (1820-1898).

A Mata-Jardim José do Canto situa-se na margem Sul da Lagoa das Furnas. Nela está integrada a ermida de Nossa Senhora das Vitórias e os dois edifícios situados junto à margem da Lagoa: um antigo “pavilhão de navegação” - hoje a Casa dos Barcos (turismo rural), e um challet franco-suíço que era designado por “pavilhão da pesca”, hoje, Casa da Lagoa, igualmente convertida para Turismo Rural.

Segundo a Doutora Isabel Albergaria “A Mata-Jardim foi desenhada e plantada nos meados do séc. XIX, segundo o plano dos paisagistas franceses Barillet-Deschamps e George Aumont. Deste traçado percebem-se os arruamentos de curvas largas, interceptadas em amplos largos e conduzindo a pontos de interesse ou às construções existentes.”¹

Na atual propriedade, atualmente com 120 há, o traçado da zona ajardinada ocupa cerca de 10 ha e mantém-se conforme o projeto francês.

Não cabe neste escrito referir o imenso, rico e diversificado potencial botânico e paisagístico, muito menos os percursos pedestres, cursos de água e zonas de vegetação específica.

Os interessados, recorrendo às fontes de informação mais comuns, encontrarão contributos suficientes para terem um conhecimento cabal daquela área florestal circundante da Lagoa das Furnas.

Pretendo apenas chamar a atenção do leitor, em geral e para os professores e escolas em particular, para a necessidade das crianças, jovens e estudantes, conhecerem esse património que chegou até nós e que se deve preservar.

Raúl Brandão, quando visitou este parque em agosto de 1924, descreveu, ao pormenor toda a sua riqueza florestal e paisagística, afirmando a dado passo: *“a verdadeira Primavera, aqui, é o outono, em que cada árvore parece uma flor gigantesca e as Furnas tomam cores de outro mundo quimérico. (...) b Estes Outonos são diferentes – são apoteoses, são deslumbramentos.”*²

Neste imenso património se inclui também a Ermida José do Canto.

O templo, segundo António K.Barbosa de Ayalla³, foi destinado a jaziço da família, “em cumprimento de um voto feito em 1853, em França, por ele [José do Canto] e sua esposa”. E acrescenta: “Influenciados ambos pelas sugestões causadas pelas impressões recebidas nas igrejas de Nossa Senhora das Victórias e do Seminário de Angers, incumbiram o architecto Breton, da Câmara Municipal de Paris, de a desenhar e elaborar o respectivo projecto.”

O templo foi construído por artífices locais, segundo o estilo de transição românico-ogival modernizado. A inauguração ocorreu com grande solenidade, em 15 de agosto de 1886, tendo sido celebrada missa cantada executada por amadores locais.

Dos ornamentos interiores destaca-se os belíssimos e simbólicos vitrais, imagens e paramentos, alfaias e obra de talha a necessitarem de cuidada atenção, dadas as condições atmosféricas que se fazem sentir no local.

De qualquer modo, a Ermida José do Canto e a Mata-Jardim anexas são ícones da Lagoa e do próprio Vale das Furnas, um dos destinos mais procu-

rados e visitados da Ilha de São Miguel sobre o qual o jornalista Anibal Bicudo (1874-1948) escreve na já citada revista: *“me afflige a mormacenta canícula e com avidéz, na alacridade do campo procuro o prazer d’uma atmospherá limpa e bamfazeja, relembro sempre aquelle privilegiado recanto açoreano, que Deus e os homens de outra idade souberam adornar de tão extranho cenário:- As Furnas”*.⁴

Sempre que lá me desloco, sinto-me dominado por uma natureza pujante e multifacetada que se manifesta na diversidade das límpidas águas quentes e frias de curso interminável e de remédio santo, nos vapores sulfurosos das caldeiras do Vale e da Lagoa que transformam os cozidos em agradáveis pitéus, nos inhameiros, nos moinhos de água, no arvoredado sempre verdejante e florido, nas quintas que produzem a fruta deliciosa das Furnas, enfim, na paisagem que a mãe natureza gratuitamente nos oferece, geradora de vida e bem-estar.

Sobre o Vale das Furnas merece ser transcrita a descrição de Garret sobre o Vale de Santarém: *“... é um destes lugares privilegiados pela Natureza, sítios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está numa harmonia suavíssima e perfeita: não há ali nada grandioso nem sublime, mas há uma como simetria de cores, de tons, de disposição em tudo quanto se vê e se sente que não parece senão que a paz, a saúde, o sossego do espirito e o repouso do coração devem viver ali, reinar ali um reinado de amor e benevolência.”*⁵

Não podia haver melhor descrição para convidar alguém a visitar o Vale das Furnas.



(foto: <https://www.facebook.com/matajardimjosedocanto>)

Bibliografia

¹ALBERGARIA, I. S. (2005) – Parques e Jardins dos Açores. Argumentum, Lisboa.

²Raúl Brandão, As Ilhas Desconhecidas, Perspectivas e Realidades, Lisboa

³AYALLA, António K.B., Revista “Os Açores”, (2ª série) nº12, pags 8-9, dezembro, 1928

⁴Idem, nº8, Agosto, 1928, pags 4-5.

⁵Almeida Garrett, Viagens na minha terra, Porto Editora